

A PROVINCIA DO ESPIRITO-SANTO

DIARIO CONSAGRADO AOS INTERESSES PROVINCIAES

ORGÃO DO PARTIDO LIBERAL

TYPOGRAPHIA — Rua General Osorio 1

ESCRITORIO — Rua do Commercio 3

TIRAGEM 1,400 exemplares

NO MAR

(A EDUARDO SEQUEIRA)

Tinha parado o helice.
O sino de bordo dobrava funebre e melancolicamente.
Morrera um official do couraçado.

Cahia a tarde devagar, com a brandura avelludada das coisas virginaes. Lá, onde o mar termina o céu com um circulo azul-anil, tingia-se de purpura o firmamento vasto.

As nuvens adelgacavam-se somnolentas, deixando uns laivos de leite sobre o manto ceruleo.

O silencio era desolador e abafante o frio.

Uma rapariga de loiro ideal afogava em largo pranto os dois olhos lindos, tremeluzentes de primaveras.

A marinhagem, descoberta e respeitosa, assistiu de cabeça baixa ao ultimo latim. A bandeira nacional, mortalha crivada de saudades, lá se extendia triste sobre o gelado corpo do official.

E' solemne e commovente vêr a postura silenciosa d'esses audaciosos lobos do mar!

Foi levantado o corpo, e depois... cahiu como si um imán o attrahisse violentamente.

Abriu as aguas serenas e mergulhou para sempre.

Um tiro de canhão saudou o funeral.

Houve um calafrio de terror em todos os animos.

Mas o capitão gritou, enxugando uma lagrima furtiva;

— Em marcha!

E o helice retomou o seu labutar continuo.

Vinha tombando a noite, e a lua reflectia-se no mar em fasciculos brilhantes de faiscas.

VASCO ORTIGÃO DE SAMPAIO.

O *Diario de Noticias* da corte publica uma traducção hespanhola que o sr. Carmelo Seoane fez do conhecido e primoroso soneto de Raymundo Corrêa—*As pombas*. Eil-a:

*Se va la primer paloma ya despertada
Se va otra mas... aun otra... por fin decenas
De palomas se van del palomar, apenas
Raya, la hermoso y fresca madrugada.*

*Y por la tarde, quando rigida norteadas
Sopla, al palomar de nuevo ellas, serenas,
Batiendo alas y de encantos llenas
Vuelven todas en bando y de retirada.*

*Tambien de los corazones, donde se cuehan
Los sueños, uno por uno rápidos vuelan
Como vuelan palomas del palomar!*

*En el-azul de la adolescencia las alas sueltan,
Huyen... pero al palomar las palomas vuelan
Y ellos a los corazones; ay! no más llegar!*

Banalidades e paradoxos

O maior de todos os talentos é fazermos que os outros trabalhem para nós. Isto de vivermos á custa do suor do nosso rosto é coisa muito pulha.

Os outros só nos fazem bem quando de todo não podem fazer-nos mal.

Ninguém, por mais merecimento que tenha, deve esperar recompensa immediata do seu trabalho. A recompensa só vem muito tarde, quando já se não espera. A inveja, a vaidade, a maledicência, a rivalidade e o interesse dos outros, oppõem toda a sorte de embaraços ás nossas mais legitimas ambições.

O'alcool, o jogo e a poesia lyrica — eis os tres vícios da humanidade.

URBANO DUARTE.

OS ESCRAVOS NO EITO

O sol projecta abrazados raios a pino — nas espaldas denegridas da próle de Caim;
O eito é longo, o herveçal avulta nos invios chapadões;
resvala a enchada nas raizes asperas e o braço requeimado
pende ao longo dos flancos offegantes do misero captivo.
A camisa enopada adheire ás curvas dos musculos contornos:
pouco a pouco a energia
dos musculos viris o esforço extingue;
mas, á voz do feitor que manda o eito,
as caricias do rebo
trazem vigor aos musculos inertes!

E mais se abraza a atmosphaera callida ao beijo da canícula;
tudo busca uma sombra protectora, agazallo e abrigo.
A fuma, o tecto de sapé, as árvores, a relva avelludada das campinas, o murmurante córrego das grotas, o leque das trementes bananeiras, o pomar, a floresta, a capoeira, a mouta de arvoredo
têm sombras e frescores;
aqui, além, por onde o olhar passeia descuidoso a seguir uma chimera, ha uma alfombra amiga em cada arbusto um ninho n'essa alfombra e um ente a repousar n'aquelle ninho.

A onça pede ás furnas da floresta um grato refrigerio
e, n'aquelle escondrijo abençoado, fugindo ao ardor solar, á ira humana, no arminho do pello mosqueado imbebe as frias bagas,
que porejam nas humidas abobadas.
— O novillo anafado estende os flancos e rumina indolente
á sombra estreita da figueira brava.
— A ovelha, a corça, o passarinho, o insecto têm um lar hospedeiro em toda a parte;
mas o captivo — o misero — não acha um tecto no universo inteiro!
Quando o alento affrouxa
e desampara os musculos cançados, no corpo desnudado, ao desabrigo, o latejo vibrado
ao mando estulto do feitor do eito,
á dor impõe um derradeiro esforço e se avermelha em sangue nas carnes laceradas do africano!

EZEQUIEL FREIRE.

Um vicio custa mais sustentar que dois filhos.

FRANKLIN.

ESTRIGA DE OIRO

O' suavisima e loira rapariga!
Loira, mais loira, do que a lua e o sol o teu cabelo é uma luxuosa estriga, cheia de immensa luz, como um pharol!

Quando te vejo, eu penso, doce amada!
como n'um ventre humano se creou uma loira assim, tão fina e delicada... Bemdita seja a Mãe que te gerou!

O teu cabello, diaphano e comprido nublante os olhos, como á freira o véo, e pelos anjos elle foi tecido,
ó meu amor, n'algun thear do céu...

Porque não fias o teu cabelo loiro, no branco fuço dos teus dedos, flôr?
Dá-me um novello d'essa estriga de oiro, dá-me essa prova, só, do teu amor...

Margarida que Fausto idolatrava, vagando solitaria, no jardim,
á luz da lua mystica, fiava...
Fiava em sua roca de marfim!

Assim também, ó doce creatura!
O teu cabelo fia, á luz do luar, como a visão de Goethe casta e pura...
Ah, fia-o, fia-o: quero vêr-te fiar!

ANTONIO NOBRE.

O interesse e a razão não se pêsam na mesma balança.

VALTOUR.

SUPPLICA

(NO ALBUM)

(Poesia posthuma)

Então tú foges, louquinha,
Porque t'imploro um olhar
Porque chamei-te de flôr
Porque disse: ter-te amor?
Oh, consente eu t'adorar
Sim? Não fujas, vem, formosa.

Não fuge o lyrio aos segredos
Da borboleta de amor
Nem aos beijos fuge a praia
Quando n'ella se espraia
A onda? E até do beija-flôr
Fogem as flôres do jardim?

Não! Pois bem, p'ra que tu foges
Se te imploro um olhar?...
«Segue o exemplo das flores»
Que seus risos, seus amores,
Não s'importam d'entregar
Ao colibri seductor!...

Da onda s'esconde a praia,
Quando em soluços e risos
Vae seus cantos amorosos
Seus perfumes olorosos
Os seus ardentes sorrisos
Em beijos lhe segredar?

Não! Pois bem «imita a praia»
Ai, não fujas orgulhosa!
Dá qu'ao menos delirante
Eu suspire um só instante
De te labios um sorriso
Sim? Ai diz-me — sim? mimosa.

Victoria, 11 de novembro de 1886.

CINCINATO NASCIMENTO.

Vive para teu semelhante afim de que elle viva para ti.

O SENHOR DIABO

Conhecem o Diabo? Não serei eu quem lhes conte a vida d'elle. E todavia sei de cór a sua legenda tragica, luminosa, celeste, grotesca e suave!

O Diabo é a figura mais dramatica da Historia da Alma.

A sua vida é a grande aventura do Mal. Foi elle que inventou os enfeites que enlanguescem a alma e as armas que ensanguentam o corpo. E todavia, em certos momentos da historia, o Diabo é o representante immenso do direito humano. Quer a liberdade e a fecundidade, a força e a lei.

E' então uma especie de Pan sinistro onde rugem as fundas rebeliões da natureza. Combate o sacerdocio e a virgindade; aconselha ao Christo que viva e aos mysticos que entrem na humanidade.

E' incomprehensivel: tortura os santos, mas defende a egreja. No seculo XVI é o maior zelador da colheita dos dizimos.

E' envenenador. E' inopositor, tyranno, vaidoso e traidor.

E todavia conspira contra os imperadores da Allemanha; consulta Aristoteles e Santo Agostinho e supplicia Judas que vendeu Christo, e Brutus que apunhalou Cesar.

O Diabo ao mesmo tempo tem uma tristeza immensa e doce. Tem talvez a nostalgia do céu!

Ainda novo, quando os astros lhe chamavam Lucifer, «o que leva a luz» revoltava-se contra Jehovah, e commanda uma grande batalha entre as nuvens.

Depois tenta Eva, engana o propheta Daniel, apupa Job, tortura Sara e em Babilonia é jogador, palhaço diffamador, libertino e carrasco.

Quando os deuses foram exilados, elle acama com elles nas florestas humidas da Gallia e embarca expedições olympicas nos navios do imperador Constandio.

Cheio de medo diante dos filhos tristes de Jesus, vem torturar os monges do occidente.

Escarnecia S. Macario, cantava psalms na egreja de Alexandria, offerecia ramos de cravos a Santa Pelagia, roubava as galinhas do abbade de Clucy, espicaçava os olhos a S. Supplicio e á noite vinha, cançado e empoierado, bater á porta do convento dos domiquinos em Florença e ia dormir na cella de Savanarola.

Estudava o hebreu, discutia com Lutero, lia attentamente a Biblia e vinha ao anoitecer para as encruzilhadas da Allemanha jogar com os frades mendicantes, sentado na relva sobre a sella do seu cavallo.

Intentava processo contra a virgem: e era o pontifice da missa negra, depois de ter inspirado os juizes de Socrates.

Nos seus velhos dias, elle, que tinha discutido com Attila planos de batalha, deuse ao peccado da gula.

E Rabelais, quando o viu assim fatigado, engelhado, calvo, gordo e somnolento, apupou-o. Então o demonographo. Vier escreve contra elle pamphletos e Voltaire criva-o de epigrammas.

O Diabo sorri, olha em volta de si para os calvarios desertos, escreve as suas memorias e n'um dia nevoso, depois de ter dito adeus aos seus velhos camaradas — os astros — morre enfatiado e silencioso.

Então Beranger escreve-lhe o epitaphio.

O Diabo foi celebrado, na sua morte, pelos sabios e pelos poetas. Procul ensinou a substancia, Presul as suas aventuras da noite, S. Thomaz revelou o seu destino. Torquemada disse a sua maldade e Pedro de Lanere a sua inconstancia jovial. João Dique escreveu sobre a sua eloquencia. Jacques I da Inglaterra fez a corographia dos seus estados. Milton disse a sua belleza e Dante a sua tragedia. Os monges ergueram-lhe estatuas. O seu sepulchro é a natureza.

O Diabo amou muito.

Foi namorado gentil, marido, pae de gerações sinistras.

Foi querido, na antiguidade, da mãe de Cesar, e na meia idade foi amado da bella Olympia. Casou no Brabante com a filha de um mercador. Tinha entrevistas languidas com Fredegonha, que assassinou duas gerações.

Era o namorado de frescas serenatas das mulheres dos mercadores de Veneza.

Escrevia melancolicamente ás monjas dos conventos da Allemanha. *Feminae in illius amore delectantur*, diz iragicamente o abbade Cesar de Heleubach. No seculo XVI tentava com olhares cheios de sol as mãe melodramaticas dos Burgraves. Na Escocia havia grande miseria sobre os montes: o Diabo comprava por 15 shillings o amor das mulheres dos *scheeglenders* e pagava-lhes com o dinheiro falso que fabricava em companhia de Felipe I, de Luiz VI, de Luiz VII, de Felipe o bello, do rei João, de Luiz XI, de Henrique II, com o mesmo cobre de que se faziam as caldeiras onde eram cosidos vivos os moedeiros falsos.

EÇA DE QUEIROZ.

Não ha ingratidão mais odiosa que a dos filhos para com os paes.

Ouro sobre azul

Quando ella, sobre as aguas transparentes.

Surge em casta nudez de amor acceza,

A vaga envolve em osculos frementes

Todo o corpo da olympica princeza.

O mixto de luxuria e de pureza

Dos seus contornos nitidos, patentes,

E' o poema excelso da belleza

Em estrophes de Paros, reluzentes...

Vendo-a assim, cuido vêr, branca de espuma,

Venus que surge, e da onda que fluctua

No verde flanco, languida se apruma;

E, soltos vendo-lhe os cabellos, cuido

Vêr despenhar-se sobre a deusa nua

Serena catadupa de ouro fluído...

RAYMUNDO CORREIA.

A modestia e o pudor quadram melhor em uma menina do que os ricos vestuários.